



## ESTUDOS AMERÍNDIOS EM PERSPECTIVA COMPARADA

*Cristhian Teófilo da Silva*  
*Universidade de Brasília, CEPPAC*

e  
*Martin Hébert*  
*Université Laval, Departamento de Antropologia*

Os estudos comparativos ocupam um lugar proeminente, ainda que problemático, na história das Ciências Sociais. É difícil dissociá-los dos projetos universalistas e totalizantes que muitas vezes os impulsionaram. Diversos autores clássicos utilizaram a comparação para apreender a diversidade humana, tanto através da elaboração de tipologias, quanto através da formulação de leis que visavam compreender as dinâmicas históricas suscetíveis de explicar as relações entre as diversas configurações sociais. Tal pretensão foi fortemente criticada por gerações sucessivas de antropólogos e sociólogos. De certo modo, insatisfeitos com as metodologias demasiadamente improvisadas do século XIX, exigiu-se cada vez mais que a comparação se tornasse um exercício cada vez mais rigoroso e nomotético. O estruturalismo lévi-straussiano veio aqui constituir-se como horizonte idílico de sua implementação. Outros criticaram a comparação enquanto projeto mesmo, concentrando suas abordagens na prática etnográfica como um fim em si, sobrevalorizando o particularismo e a integridade da experiência e dos saberes locais. Para estes críticos da comparação, a ideia de tornar as sociedades ou as culturas comensuráveis entre si implicaria uma forma de violência epistemológica. No limite, esta posição eleva as autoetnografias ao *status* de norma para a prática etnográfica em que, para citar Peter Worsley, a principal conexão entre as etnografias seria o fato de se encontrarem lado a lado nas prateleiras das bibliotecas. Nesse sentido, navegar entre as armadilhas das generalizações abusivas (coloniais) e o solipsismo relativista não é tarefa simples. Podemos facilmente supor que nunca existirá um ponto de equilíbrio estável entre o projeto comparativo, necessariamente redutor das particularidades, e a descrição local profunda de mundos fundamentalmente intraduzíveis. O presente número visa participar da reflexão sobre esta tensão advogando em favor de um comparativismo modesto. Ele se origina no fato de que as várias críticas feitas aos estudos comparativos, notadamente aquelas que tratam dos estudos sobre sociedades ameríndias, parecem ter contribuído para escassear as abordagens comparativas neste campo nos dias atuais. Um dos efeitos dessa guinada em prol do particularismo consiste na dificuldade relativa de se estabelecer pontes entre estudos ameríndios praticados em diversas partes das Américas, sobretudo sem a intermediação de teorias hegemônicas. Em se consolidando esta situação, seremos nós, sem dúvida, que estaremos perdendo oportunidades de renovação teórica e alargamento conceitual a partir das contribuições das nossas respectivas práticas etnológicas.

O presente dossiê é modesto em suas ambições, porém as assume plenamente. É mais um lembrete das vantagens do projeto comparativo, do que uma proposta de programa unificado. Por essa razão, o dossiê se intitula : « Estudos ameríndios em perspectiva comparada », sugerindo que o que se compara aqui é, talvez, muito mais os próprios estudos e as maneiras de se comparar do que os sujeitos e povos abordados.



Este número se inscreve igualmente em um exercício de colaboração e de tradução resultante do encontro e da iniciativa entre *Interethnic@: Revista de Estudos em Relações Interétnicas*, do Brasil, e *Recherches méridiennes au Québec*, do Canadá. Esperamos que tal iniciativa inspire outras colaborações entre periódicos científicos, sobretudo latino-americanos e latino-americanistas, interessados nos estudos ameríndios. Sob os auspícios da Agência Universitária da Francofonia (AUF), buscamos promover aqui a circulação e a comparação de contextos ameríndios variados, bem como entre os diversos mundos institucionais e intelectuais das Américas. O presente número visa contribuir com um tijolo a mais nesse projeto, necessariamente comparativo, em nossa opinião, de aproximação de grandes tradições de pesquisa antropológica desenvolvidas no Brasil, Canadá, México e Peru. Ele evoca também a atualidade do projeto comparativista intercontinental, ao estabelecer pontes concretas entre realidades indígenas da Oceania e das Américas.

Este dossiê favorece olhares e perspectivas cruzadas sobre os dilemas e desafios da convivência interétnica nesse novo século. As contribuições agora publicadas em português ampliam e atualizam nossa compreensão das realidades vividas pelos indígenas em diferentes contextos nacionais e abordam como tais contextos afetam não somente os indígenas, mas as práticas antropológicas e políticas não-indígenas que os interpelam. Esperamos, como organizadores, que este dossiê estimule a prática da comparação como horizonte inevitável para a construção conceitual, a vitalidade teórica e a « pluri-versalização » do discurso antropológico e das pesquisas indígenas e sobre os problemas vividos pelos indígenas no mundo contemporâneo.

Versão em português: Cristhian Teófilo da Silva.